

RESUMO EXPANDIDO ESTRUTURADO - SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR –
ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE
MENTAL, PREVENÇÃO E CUIDADO INTEGRAL

**PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DE AÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
SAÚDE: A GRUPOTERAPIA COMO TERRITÓRIO DE ENCONTRO**

Francisca Laudeci Martins Souza (laudeci.martins@urca.br)

Aline De Andrade Marques Brandão Da Fonseca (Aline@uninassau.com)

Roberta Ferreira De Oliveira (roberta.ferreira@uninassau.edu.br)

Introdução

A Psicologia Social brasileira emergiu como campo de resistência à fragmentação da experiência humana e à neutralidade técnica que historicamente marcou o fazer psicológico. Desde as décadas de 1970 e 1980, com a contribuição de Sílvia Lane (1984), Ana Mercês Bahia Bock (1999, 2009) e Maritza Montero (1994), o campo consolidou-se em torno de uma psicologia comprometida com a transformação social. Nesse horizonte, o sofrimento psíquico é compreendido como expressão das contradições históricas e das condições concretas de vida.

A inserção da Psicologia no sistema público de saúde, especialmente após a Reforma Sanitária e a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), exige novas metodologias de trabalho. Tais metodologias devem reconhecer o sujeito

em sua dimensão coletiva e propor ações que articulem escuta, vínculo e corresponsabilidade. Nesse contexto, o grupo torna-se uma ferramenta privilegiada: um espaço de trocas, de produção de sentido e de fortalecimento comunitário.

O presente estudo propõe um planejamento estratégico de ação em Psicologia Social e Saúde, a ser desenvolvido em contexto de atenção psicossocial. Não se trata de relatar uma experiência concluída, mas de projetar um dispositivo grupal crítico, inspirado em fundamentos teóricos que unem ética, política e cuidado. O objetivo é desenhar uma intervenção que, partindo da escuta dos sujeitos e das instituições, possa se transformar em prática de reconstrução coletiva da saúde e da esperança.

Objetivos

Objetivo geral:

Propor um planejamento estratégico de ação em Psicologia Social e Saúde que utilize a grupoterapia como dispositivo ético-político de escuta, diálogo e criação coletiva de sentido.

Objetivos específicos:

- a) Fundamentar teoricamente a proposta de grupoterapia como prática social e transformadora;
- b) Planejar metodologicamente a intervenção grupal em serviços públicos de saúde;
- c) Analisar o papel do psicólogo como mediador e participante do processo grupal;
- d) Refletir sobre os efeitos éticos e institucionais esperados de uma ação psicológica crítica.

Fundamentação Teórica

A concepção de grupo adotada neste planejamento baseia-se em Pichon-Rivière (1971), que entende o grupo como uma totalidade dinâmica, marcada pela interação entre tarefa, papéis e vínculos. Para o autor, a tarefa explícita (objetivo formal) convive com uma tarefa implícita: aprender a trabalhar coletivamente. O grupo é, portanto, espaço de aprendizagem, criação e análise das relações sociais que estruturam o sujeito.

A Psicologia Social Crítica brasileira, desenvolvida por Lane (1984) e Bock (2009), reforça que o sujeito não é entidade isolada, mas construção histórica atravessada pelas condições materiais de existência. A ação psicológica, nesse sentido, deve intervir na realidade social e não apenas sobre o indivíduo. Codo (2000) amplia esse entendimento ao introduzir o conceito de ética da implicação, defendendo que o psicólogo não atua “sobre” o outro, mas “com” o outro, compartilhando responsabilidade e afeto.

A perspectiva de Ignacio Martín-Baró (1998) inspira o eixo político da proposta. O autor concebe a psicologia da libertação como prática comprometida com os povos latino-americanos, orientada pela conscientização e pela reconstrução da memória coletiva. O grupo, nessa ótica, é lugar de denúncia e de criação de alternativas ao sofrimento imposto pela injustiça social.

A pedagogia de Paulo Freire (1987) dialoga diretamente com essa visão. Ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão”, Freire propõe a palavra como ato político e o diálogo como caminho para a liberdade. O grupo, como espaço de fala e escuta, concretiza essa pedagogia do encontro e da horizontalidade.

No campo da afetividade, bell hooks (1994) propõe o amor como comportamento político, uma prática ética de presença, cuidado e corresponsabilidade. Essa concepção sustenta que o amor, entendido como força social, é condição para o cuidado e a transformação coletiva. Aplicada à grupoterapia, a ideia reforça o compromisso do psicólogo com a vida e com a dignidade humana.

Ansara (2015) enfatiza que a Psicologia Social, ao atuar em políticas públicas, deve reconhecer a pluralidade cultural e afetiva dos sujeitos. Pereira (2023), ao discutir a decolonialidade na avaliação psicológica, amplia o debate e defende que a escuta de saberes comunitários e tradicionais é componente essencial de uma psicologia ética e plural. Essas contribuições sustentam a necessidade de metodologias abertas à diferença e à coautoria.

Por fim, a proposta metodológica ancora-se na pesquisa-ação descrita por Thiollent (2008), que concebe a investigação como processo coletivo de análise e transformação. Essa abordagem, de base dialógica e participativa, permite construir o planejamento estratégico de forma horizontal, garantindo que o grupo e a equipe de saúde participem ativamente de todas as etapas.

Metodologia Proposta

O planejamento estratégico de ação em Psicologia Social e Saúde se estrutura em quatro etapas complementares, que articulam diagnóstico, construção participativa, implementação e avaliação.

Diagnóstico situacional e escuta inicial

Essa primeira etapa consiste em mapear as demandas institucionais e subjetivas de um serviço público de saúde. Realiza-se por meio de entrevistas, observação participante e reuniões com a equipe multiprofissional. O objetivo é compreender o contexto, os fluxos de atendimento, as tensões e as potencialidades, reconhecendo que o grupo nasce das necessidades reais da comunidade.

Planejamento participativo

Inspirada em Freire (1987) e Thiollent (2008), essa fase prevê encontros com a equipe e com os futuros participantes para definir objetivos, critérios de composição, periodicidade e metodologia do grupo. Busca-se construir

coletivamente o sentido da ação, promovendo o protagonismo dos sujeitos desde o início. O psicólogo atua como facilitador e tradutor de linguagens, garantindo a inclusão de vozes diversas.

Implementação da prática grupal

A proposta prevê encontros semanais de 60 a 90 minutos, com estrutura flexível: acolhimento, desenvolvimento e fechamento. As atividades podem incluir rodas de conversa, dinâmicas projetivas, leitura de narrativas, dramatizações e construção simbólica (desenhos, colagens, textos). O foco é transformar o grupo em espaço de expressão e escuta, onde o sofrimento se torna linguagem compartilhada. O coordenador sustenta o processo pelo vínculo, diálogo e afeto, e não pelo controle.

Avaliação processual e devolutiva coletiva

A análise do processo será realizada em coautoria com os participantes e com a equipe, por meio de registros reflexivos, sínteses de grupo e reuniões avaliativas. Essa devolutiva busca compreender os sentidos produzidos, os vínculos criados e as aprendizagens subjetivas, fortalecendo o caráter educativo e político do grupo.

Cada etapa do planejamento será documentada em relatórios analíticos e diários de campo. O método adotado é qualitativo, de natureza participativa, e se orienta pela epistemologia crítica latino-americana, que entende o conhecimento como construção situada e relacional.

Discussão

A grupoterapia, concebida neste planejamento, é entendida como prática de resistência e produção de vida. O grupo, ao favorecer o encontro entre diferentes, opera uma dupla transformação: nos sujeitos, ao promover reconhecimento e pertencimento; e nas instituições, ao introduzir novas formas de relação e de cuidado.

A proposta confronta o modelo tradicional de atendimento psicológico centrado na individualidade e propõe um paradigma de cuidado coletivo. Nesse modelo, o psicólogo assume o papel de mediador, alguém que escuta e sustenta o campo, em vez de prescrever condutas. A prática se torna, portanto, um ato ético, político e estético, no sentido dado por Bock (2009): criar espaços em que a experiência humana possa ser ressignificada.

A grupoterapia projetada articula três dimensões:

- (a) a dimensão subjetiva, que trabalha a escuta e a elaboração simbólica do sofrimento;
- (b) a dimensão social, que reconhece o grupo como reflexo das contradições da sociedade e como espaço de crítica;
- (c) a dimensão institucional, que propõe práticas interdisciplinares e democratização dos serviços de saúde.

A construção coletiva do planejamento reafirma o princípio freireano de que o conhecimento se faz no diálogo e na praxis. O grupo, enquanto processo educativo, contribui para a emancipação dos sujeitos e para a ampliação da consciência crítica. Como lembra Martín-Baró (1998), libertar-se é reconstruir a si e ao mundo, e esse movimento começa pelo reconhecimento mútuo.

Do ponto de vista ético, a proposta se ancora no que bell hooks (1994) chama de amor político, um exercício de cuidar com presença, sem hierarquia e sem indiferença. No campo da saúde, esse amor se traduz em compromisso: estar com o outro na construção de um espaço que acolhe a dor e celebra a vida.

A metodologia da pesquisa-ação, conforme Thiollent (2008), reforça a inseparabilidade entre planejar e transformar. O planejamento estratégico, converte-se em prática reflexiva, ajustável e viva.

Por fim, as contribuições de Pereira (2023) e Ansara (2015) ampliam o alcance político da proposta ao defender que a Psicologia Social e a decolonialidade compartilham um mesmo propósito: devolver às comunidades o direito à palavra, ao cuidado e à autoria de suas próprias narrativas.

Considerações Finais

O planejamento estratégico de ação em Psicologia Social e Saúde proposto aqui reafirma o compromisso da psicologia com a transformação social e com a promoção da vida. A grupoterapia, concebida como território de encontro, propõe uma prática capaz de ressignificar o sofrimento, fortalecer vínculos e democratizar o cuidado.

Ao pensar o grupo como microcosmo social e o psicólogo como mediador implicado, o planejamento delineia um modo de atuação que integra teoria, ética e política. A metodologia possibilita que o grupo se torne espaço de invenção de novas formas de existência.

A psicologia, nesse contexto, deixa de ser instrumento de normalização para se tornar força de criação, resistência e esperança.

Palavras-chave: psicologia social crítica; grupoterapia; planejamento estratégico em saúde.